



A Santa Sé

SANTA MISSA DE CONCLUSÃO
DO XX CONGRESSO MARIOLÓGICO-MARIANO INTERNACIONAL

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 24 de Setembro de 2000

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. "Pegou numa criança e colocou-a no meio" (*Mc 9, 36*). Este singular gesto de Jesus, recordado pelo Evangelho que há pouco se proclamou, vem imediatamente depois da admoestação com que o Mestre exortara os discípulos a desejarem não o primado do poder, mas a primazia do serviço. Foi um ensinamento que decerto sensibilizou profundamente os Doze, os quais acabavam de "discutir sobre qual deles era o maior" (*Mc 9, 34*). Dir-se-ia que o Mestre sentiu a necessidade de explicar um ensinamento tão comprometedor, com *a eloquência de um gesto rico de ternura*. A uma criança, que em conformidade com os parâmetros dessa época não contava nada, Ele deu o seu abraço e quase se identificou com ela: "Quem receber em meu nome uma destas crianças, é a mim que recebe" (*Mc 9, 37*).

Nesta Eucaristia, que conclui o XX Congresso Mariológico-Mariano Internacional e o Jubileu Mundial dos Santuários Marianos, aprez-me assumir como perspectiva de reflexão precisamente *este singular ícone evangélico*. Nele emerge, mais do que um ensinamento moral, uma indicação cristológica e, de maneira indirecta, uma indicação mariana.

No abraço à criança, Cristo revela em primeiro lugar a delicadeza do seu coração, capaz de todas as vibrações da sensibilidade e do afecto. Antes de mais nada, há *a ternura do Pai* que, desde a eternidade, no Espírito Santo, a ama e no seu rosto humano vê o "Filho predilecto" em quem encontra agrado (cf. *Mc 1, 11; 9, 7*). Depois, há *a ternura totalmente feminina e materna*, com a qual *Maria* O circundou nos longos anos transcorridos na sua casa de Nazaré. Sobretudo na Idade Média, a tradição cristã deteve-se com frequência para contemplar a Virgem que abraça o Menino Jesus. Aelredo de Rievaulx, por exemplo, dirige-se com afecto a Maria, convidando-a a abraçar o Filho que Ela, depois de três dias, reencontrou no templo (cf. *Lc 2, 40-50*): "Aperta,

dulcíssima Senhora, aperta Aquele que Tu amas, lança-te ao seu pescoço, abraça-O, beija-O e compensa os três dias da sua ausência com múltiplas delícias" (*De Iesu puero duodenni* 8: *SCh* 60, pág. 64).

2. "Se alguém quer ser o primeiro, deverá ser o último e ser aquele que serve a todos" (*Mc* 9, 35). Da imagem do abraço à criança emerge todo o vigor deste princípio que, na pessoa de Jesus e depois na de Maria, encontra a sua realização exemplar.

Ninguém como Jesus pode dizer que é o "primeiro". Efectivamente, Ele é "o primeiro e o último", "o alfa e o ómega" (cf. *Ap* 22, 13), a irradiação da glória do Pai (cf. *Hb* 1, 3). Na ressurreição, foi-lhe dado "o Nome que está acima de qualquer outro nome" (*Fl* 2, 9). Mas também na Paixão Ele se mostrou como "o último de todos" e, com "o servo de todos", não hesitou em lavar os pés aos seus discípulos (cf. *Jo* 13, 14).

Nesta humilhação, Maria segue-O de muito perto! Ela, que teve a missão da maternidade divina e os excepcionais privilégios que a colocam acima de qualquer outra criatura, sente-se sobretudo a *Escrava do Senhor* (cf. *Lc* 1, 38.48), e dedica-se totalmente ao serviço do Filho divino. E com pronta disponibilidade faz-se também "*serva*" dos irmãos, como alguns episódios evangélicos desde a Visitação até às Bodas de Caná nos fazem entrever muito bem.

3. Por isso, o princípio enunciado por Jesus no Evangelho ilumina inclusivamente a grandeza de Maria. *O seu "primado" está radicado na sua "humildade"*. Foi precisamente por esta humildade que Deus a escolheu, cumulando-a com os seus favores celestiais, fazendo dela a "*kecharitome*", a cheia de graça (cf. *Lc* 1, 28). No *Magnificat*, Ela mesma confessa: "Olhou para a humilhação da sua serva... o Todo-Poderoso realizou grandes obras em meu favor" (*Lc* 1, 48-49).

No Congresso Mariológico-Mariano, que se acaba de concluir, fixastes o olhar nas "grandes obras" realizadas por Maria, considerando a sua dimensão mais interior e profunda, a da sua *especialíssima relação com a Trindade*. Se Maria é a *Theotokos*, a Mãe do Unigénito de Deus, como não se admirar com o facto de Ela gozar de uma relação totalmente única também com o Pai e o Espírito Santo?

Certamente, esta relação não a priva, na sua vida terrestre, do cansaço da condição humana: *Maria viveu plenamente a realidade quotidiana de muitas famílias humildes do seu tempo*, conheceu a pobreza, a dor, a fuga, o exílio e a incompreensão. Portanto, a sua grandeza espiritual não a torna "distante" de nós: Ela percorreu o nosso caminho e *foi solidária conosco na "peregrinação da fé"* (*Lumen gentium*, 58). Mas neste caminho interior, Maria cultivou uma fidelidade absoluta ao desígnio de Deus. É exactamente no abismo de tal fidelidade que se radica inclusive o abismo de grandeza que a torna "a mais humilde e a mais excelsa das criaturas" (Dante, par. XXXIII, 2).

4. Maria salta aos nossos olhos sobretudo como "filha predilecta" (*Lumen gentium*, 53) do Pai. Se todos somos chamados por Deus "a ser seus filhos adoptivos por obra de Jesus Cristo" (cf. *Ef* 1, 5), "filhos no Filho", isto vale de maneira singular para Aquela que tem o privilégio de poder repetir com plena verdade humana a palavra pronunciada por Deus Pai acerca de Jesus: "Tu és o meu Filho" (cf. *Lc* 3, 22; 2, 48). Em virtude desta sua tarefa maternal, Ela foi dotada de uma santidade

excepcional, na qual repousa o olhar do Pai.

Com a segunda Pessoa da Trindade, o Verbo que se fez carne, Maria tem uma relação única, dado que está directamente envolvida no mistério da Encarnação. Ela é Mãe e, como tal, Cristo honra-a e ama-a. Ao mesmo tempo, Ele reconhece-O como seu Deus e Senhor, fazendo-se *discípula com um coração atento e fiel* (cf. Lc 2, 19.51) e sua *generosa companheira* (cf. *Lumen gentium*, 61) *na obra da Redenção*. No Verbo encarnado e em Maria, a distância infinita entre o Criador e a criatura tornou-se a máxima proximidade; eles constituem o espaço santo das misteriosas núpcias entre a natureza divina e a natureza humana, o lugar em que a Trindade se manifesta pela primeira vez e onde Maria representa a nova humanidade, pronta a retomar o diálogo da aliança em amor obediente.

5. De resto, o que dizer da sua relação com o Espírito Santo? Maria é o "*sacrário*" *puríssimo em que Ele habita*. A tradição cristã descreve Maria como o protótipo da resposta dócil à moção interior do Espírito, o paradigma da plena aceitação das suas dádivas. O Espírito sustenta a sua fé, consolida a sua esperança, reaviva a sua chama de amor. O Espírito torna fecunda a sua virgindade e inspira o seu cântico de alegria. O Espírito ilumina a sua meditação sobre a Palavra, abrindo-lhe progressivamente a inteligência à compreensão da missão do Filho. É ainda o Espírito que sustém o seu ânimo prostrado no Calvário e a prepara, na expectativa orante do Cenáculo, para receber a plena efusão dos dons do Pentecostes.

6. Dilectos Irmãos e Irmãs! Diante deste mistério de graça, vê-se bem quão oportunos ao Ano jubilar foram os dois acontecimentos que se concluem com esta celebração eucarística: o Congresso Mariológico-Mariano Internacional e o Jubileu dos Santuários Marianos. Não comemoramos porventura os dois mil anos do nascimento de Cristo? Por conseguinte, é natural que *o Jubileu do Filho seja também o Jubileu da Mãe!*

Por isso, formulam-se bons votos para que, entre todos os frutos deste Ano de graça, ao lado de um amor mais vigoroso a Cristo, haja também o de uma renovada piedade mariana. Sim, Maria deve ser muito amada e honrada, mas com uma devoção que, para ser autêntica, há-de: estar *bem assente na Escritura e na Tradição*, valorizando em primeiro lugar a liturgia e haurindo dela a inequívoca orientação para as manifestações mais espontâneas da religiosidade popular; expressar-se *no esforço de imitar a Toda Santa* ao longo de um caminho de perfeição pessoal; estar *distante de todas as formas de superstição e de credulidade vã*, aceitando no justo sentido, em sintonia com o discernimento eclesial, as manifestações extraordinárias com que, não raro, a Bem-Aventurada Virgem gosta de se conceder para o bem do povo de Deus; ser *capaz de remontar sempre à nascente da grandeza de Maria*, tornando-se incessante *Magnificat* de louvor ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

7. Caríssimos Irmãos e Irmãs! "Quem receber um destes pequeninos em meu nome, é a mim que recebe", disse-nos Jesus no Evangelho. Com mais razão ainda, poderia dizer-nos: "Quem receber minha Mãe, é a mim que recebe". E Maria, por sua vez, recebida com amor filial, indica-nos de novo o Filho, como fez nas Bodas de Caná: "Fazei o que Ele mandar" (Jo 2, 5).

Caríssimos, seja esta a mensagem da celebração jubilar de hoje, que une Cristo e a sua Santíssima Mãe num único louvor. Faço votos para que cada um de vós receba disto frutos abundantes e seja encorajado a uma genuína renovação de vida. *Ad Iesum per Mariam!*

Amém.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana